

SUPER ESPORTES

www.df.superesportes.com.br - Subeditor: Marcos Paulo Lima
E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176



Faltam
63
dias

#partiucatar

Campeão da Champions League e do Mundial de Clubes à frente de um revolucionário Ajax na temporada de 1994/1995, o holandês Louis van Gaal, de 71 anos, está de volta à Copa para comandar a Holanda. Em 2014, ele liderou a Laranja Mecânica na campanha do terceiro lugar no Brasil.



MAURICE VAN STEEN

PARIS-2024

De Santa Maria para a Seleção: conheça a história de Júlia Maia, a brasileira que saiu do circo para virar o mundo de cabeça para baixo em busca do sonho de ser uma das 32 candidatas a medalha daqui a menos de dois anos, na França, na disputa dos Jogos Olímpicos

MONIQUE DEL ROSSO*

Aos 29 anos, a brasileira Júlia Maia ensaia o repertório para a realização de um sonho. Atleta da Seleção Brasileira de Breaking, esporte estreante na próxima Olimpíada, ela espera disputar os Jogos de Paris-2024. Adicionado ao megaevento depois dos sucessos do surfe e do skate em Tóquio-2020, esse estilo de dança (**leia Saiba mais**) assinalará um dos principais marcos para a cultura hip hop. Entre os 16 nomes escolhidos para disputar as seletivas representando o elenco verde-amarelo, há atletas experientes em disputas internacionais no currículo e joias como a b-girl criada na região administrativa de Santa Maria e moradora da Vila Telebrasília.

O breaking foi oficializado em dezembro de 2020 pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Desde então, vários atletas começaram a disputar seletivas nacionais e internacionais em busca de uma das 32 vagas rumo à França. O formato para escolher o pré-elenco brasileiro foi decidido pelo Conselho Nacional de Dança Desportiva. A entidade apontou os nove melhores b-boys e b-girls do país. A menos de dois anos da disputa por medalhas, a anfitriã França é a única classificada. Os combates eliminatórios para a decisão das vagas estão marcados para novembro.

Maia começou no circo. Quando ela era criança, o pai da atleta, Julio Cesar Macedo, o palhaço "Mandioca Frita", incentivou a filha a entrar no ramo das artes. Aos 13 anos, ela e o irmão, Davi Maia, ajudavam no orçamento familiar. Ambos se apresentavam em shows, hospitais, velórios e festas de aniversário para alegrar ou dar leveza ao ambiente.

Quando tinha 17 anos, Júlia Maia foi apresentada ao esporte. Virou amor à primeira vista. Assistiu a uma batalha em Santa Maria, onde cresceu, e testemunhou pela primeira vez uma dupla de b-girls batilhando de igual para igual com os b-boys. Entretanto, percebeu que o machismo estava impregnado nos passos da dança. Maia não conseguiu se aprofundar no esporte. Por ser mulher, teve ensinamento básico, sem a atenção e o devido desenvolvimento do potencial de aprendiz.

Pouco tempo depois, o incentivo veio do b-boy Katatal, o principal responsável pela formação da dançarina olímpica. Aprendeu e aumentou cada vez mais o conhecimento sobre o esporte. Os ensinamentos deram certo.

Maia apareceu na segunda posição da categoria feminina para a convocação da Seleção. Até garantir a vaga, disputou diversos torneios. No último ano, pouco viajou por causa da pandemia, mas garantiu presença em campeonatos internacionais. Neste ano, recebeu o troféu pela Red Bull BC One Brazil 2022, em Nova York.

"Acredito que ter sido convocada para fazer parte é resultado de muitos anos de esforço e dedicação. Nos últimos quatro anos, tenho conseguido focar no crescimento da minha dança e venho buscando destaque dentro do cenário brasileiro de breaking. Viajo para eventos em outros estados, outros países e também participo de eventos on-line durante a pandemia", conta a atleta em entrevista ao **Correio**.

Júlia Maia não consegue viver exclusivamente do breaking. O Brasil ainda não investe como deveria em atletas da modalidade. O primeiro patrocínio veio graças à Seleção Brasileira. Ela participa de mais torneios e desfruta de maior visibilidade. "É bem difícil viver do breaking. Faço workshops e ainda ajudo meu pai com atrações. O que eu estou ganhando na Seleção é menos de um salário mínimo", revela.

Além do incentivo financeiro, o Comitê Olímpico do Brasil (COB) oferece plano de saúde e apoio psicológico aos membros da Seleção. Os treinos de Maia não mudaram muito. A diferença é o acréscimo de alguns trabalhos específicos para fortalecer o corpo e o acompanhamento psicológico. "Tudo ainda está em processo de construção, continuo de maneira independente em um espaço que eu mesma construí em frente de casa, na calçada", diz a dançarina.

Perseverante e com a sensação de estar fazendo história pelo Brasil, Maia deseja chegar o mais longe possível. Na caminhada rumo a Paris, almeja alcançar o máximo de pessoas por meio da arte. "Sei que estar dentro de uma Olimpíada não é nada fácil, principalmente pelas condições do Brasil. Por isso, tenho me dedicado ao máximo dentro das condições que posso para chegar lá. Quero ver chegar alguma brasileira ou brasileiro a esse grande espetáculo que serão as Olimpíadas de 2024. Meu sonho maior é poder fazer parte dessa história, emocionar pessoas, inspirar outras mulheres e ser lembrada como alguém que fez a diferença", afirma a dançarina.

Enquanto as eliminatórias e os Jogos Olímpicos de Paris-2024 não chegam, Júlia Maia está se aprimorando na Europa. Em agosto, esteve na Eslováquia para a Outbreak Europe. Depois, seguiu rumo à França e chegou às semifinais no torneio Marginalz Gang. Neste mês, teve participação no festival The World Battle, em Portugal. Agora, encontra-se em Berlim, Alemanha, pela Queen 16. Ela viaja com suporte do Conexão Cultura DF.

*Estagiária sob a supervisão de Marcos Paulo Lima

BREAKING

No estilo

Fotos: BrunaFerreira/Divulgação



Júlia Maia no exterior: passagens por Eslováquia, França e Alemanha, neste mês, em busca de aprimoramento

SAIBA MAIS

ORIGEM

Breaking é um estilo de dança que se originou nos Estados Unidos na década de 1970. Tomou forma nas animadas festas de quarteirão do Bronx, surgindo da cultura hip hop, e é caracterizada por movimentos acrobáticos, footwork estilizado e o papel fundamental desempenhado pelo DJ e pelo MC (mestre de cerimônias) durante as batalhas.

NO BRASIL

O rap chegou ao Brasil por meio de um show em São Paulo, em 1984, do grupo americano Public Enemy e logo ganhou fãs nas periferias da cidade. Alguns grupos passaram a se reunir nas ruas ao som do hip hop e acompanhados de passos de dança. Um dos pioneiros mais conhecidos é o pernambucano Nelson Triunfo, responsável por difundir a cultura de rua no país.

ESPORTE

Competições internacionais foram realizadas pela primeira vez em todo o mundo na década de 1990, popularizando a forma de dança entre as comunidades de hip hop e o público em geral ao longo do caminho.

REGRAS

Nos Jogos de Paris-2024, a competição de quebra será composta por dois eventos — um para homens e outro para mulheres — na qual 16 b-boys e 16 b-girls se enfrentarão em espetaculares batalhas solo. Os atletas usarão uma combinação de movimentos de força — incluindo moinhos de vento, 6 passos e congela — conforme adaptam seus movimentos e improvisam ao ritmo das faixas do DJ em uma tentativa de garantir os votos dos juízes e levar para casa o primeiro título olímpico.

HISTÓRIA OLÍMPICA

O breaking fez sua estreia olímpica nos Jogos da Juventude em Buenos Aires-2018. Após seu grande sucesso, o break foi escolhido para figurar no programa de esportes olímpicos de Paris-2024 como um novo esporte, juntamente com a escalada esportiva.